

Darcy Ribeiro, a canalha e os idiotas, ou: Como não tolerar o intolerável

DELCIDES MARQUES 

Universidade Federal do Vale do São Francisco | Juazeiro, BA, Brasil

delcides1979@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe211659

resumo A proposta geral do texto é produzir uma reflexão sobre a potencialidade crítica de certos xingamentos usados por Darcy Ribeiro para combater posturas e concepções intoleráveis. Uma vez que os intolerantes não devem ser tolerados de forma incondicional, pois são um perigo, aqueles que estão atrelados a tais comportamentos e pensamentos nefastos precisam ser problematizados e evidenciados. Dois xingamentos sobressaem no vocabulário de Darcy Ribeiro: canalha e idiota. Se no primeiro caso há uma crítica moral, com o segundo termo há uma objeção intelectual. Com isso, o xingamento pode ser um instrumento de combate e enfrentamento e os dois ultrajes usados por Darcy Ribeiro funcionam como dobras políticas, criativas e gaguejantes da língua.

palavras-chave Darcy Ribeiro; Xingamento; Intolerável; Canalha; Idiota.

Darcy Ribeiro, the scoundrel and the idiots, or: How not to tolerate the intolerable

abstract The general purpose of the text is to produce a reflection on the critical potential of certain insults used by Darcy Ribeiro to combat intolerable postures and conceptions. Since the intolerant should not be unconditionally tolerated, as they are a danger, those who are linked to such harmful behaviors and thoughts need to be problematized and highlighted. Two insults stand out in Darcy Ribeiro's vocabulary: scoundrel and idiot. If in the first case there is a moral criticism, with the second term there is an intellectual objection. With that, cursing can be an instrument of combat and confrontation and the two outrages used by Darcy Ribeiro work as political, creative and stammering folds of the language.

keywords Darcy Ribeiro; Insult; Intolerable; Scoundrel; Idiot.

Introdução

Esse texto pretende contemplar um aspecto desconsiderado na atuação de Darcy Ribeiro. Para além de toda a diversidade de atividades exercidas por ele, há uma marca bastante característica de suas falas, posturas e comportamentos. A rebeldia de Darcy Ribeiro é notada como uma evidência de sua radicalidade crítica. Muitas vezes na forma de xingamento, ele estabelece uma relação específica com grupos e formas de pensar que lhe eram intoleráveis.

Para dar conta dessa marca expressiva de sua atuação, percorreremos alguns de seus escritos, discursos e entrevistas. Esse material foi selecionado a partir do critério de maior espontaneidade de Darcy Ribeiro, mas também do aparecimento de determinados xingamentos específicos proferidos por ele, tendo em vista a sua oposição e crítica aos intolerantes, situados como canalhas e idiotas. Sendo bem-sucedida a incursão, o resultado esperado é reconhecer esses termos privilegiados por ele como estratégia retórica importante.



e211659

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe211659>

Para chegar a esse termo, o procedimento de apropriação do material produzido pelo polêmico intelectual é acompanhado de duas principais fundamentações e premissas teóricas: (a) os intolerantes não podem ser tolerados (Popper, 1974 [1945]: 289), assim, há legitimidade democrática na crítica aos que possuem comportamentos e pensamentos perniciosos; e (b) o xingamento pode, para além de um desvio intempestivo das emoções, dobrar a língua e fazê-la gaguejar (Deleuze, 2011 [1993]). Essas formulações serão devidamente exploradas ao longo do texto.

Um polemista radical

Darcy Ribeiro foi um indiscutível intelectual que atuou em várias frentes, e sempre com um empenho extraordinário. Ele dedicou muitos anos a uma experiência com povos indígenas (inicialmente com interesses acadêmicos, mas tornando-se cada vez mais tema de sua militância). Em seguida viu-se envolto com o problema da educação, ao que dedicou muitos esforços para melhorar o ensino no Brasil e na América Latina: escreveu livros, criou e foi reitor da Universidade de Brasília, idealizou a Universidade Estadual do Norte Fluminense, participou de reformas universitárias em diversos países, formulou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e implantou um programa de escola integral no Rio de Janeiro. Teve também uma atuação consistente no campo político, ocupando diversos cargos relevantes: Ministro-chefe da Casa Civil, Ministro da Educação, Vice-governador e Senador. Além disso, publicou romances e ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Diante de toda a versatilidade de Darcy Ribeiro, como antropólogo, educador, político e romancista (cf. Mattos, 2007), poderíamos ainda adicionar os qualificativos polemista, briguento e desbocado.

Rememorando seus tempos de adolescente em Montes Claros, Darcy Ribeiro diz que naqueles dias juvenis ele arrumava muita confusão: “Eu era muito malandro, muito brigão” (Lima, 2007: 3’34). E em meio aos confrontos, costumava sujar a camisa de sangue, de modo que seu irmão mais novo o ajudava a trocar a roupa para que sua mãe não percebesse. Em outro momento ele lembra: “Amigos de menino, tive demais. De manhã brigávamos aos tapas, à tarde voltávamos a ser amigos para brigar outra vez. Inimigos não prestam para essas brigas” (Ribeiro, 1997: 37). Esse menino travesso se tornou um dos mais importantes intelectuais brasileiros, e como nunca deixou de ser traquina e briguento, a sua atuação profissional carregou essas marcas.

E além de briguento, ele foi por toda a vida um desbocado. Assim, um acontecimento específico possibilita perceber essa característica de sua retórica e crítica. É bastante noticiado que Darcy Ribeiro solicitou a presença de frei Betto e Leonardo Boff em seus últimos momentos de vida, nos idos de fevereiro de 1997 (Provoca, 2022: 19’). Frei Betto estava na África. Boff compareceu sozinho, e em meio à conversa metafísica sobre o além-túmulo que tiveram, Darcy Ribeiro teria dito: “Como gostaria que fosse verdade! Minha mãe morreu cheia de fé e morreu tranquila, eu invejo você, que é um homem inteligente e de fé. Eu não tenho fé. Como gostaria que fosse verdade”. O teólogo procura então mostrar que o amor é mais importante que a fé. E ainda diz: “E você Darcy, não será recebido por Deus Pai, você será recebido por Deus em forma de uma Mãe”. Ele teria ficado fascinado com a ideia: “Então serei recebido por uma deusa!”. E Boff completa a imagem, afirmando que ele seria acolhido com muita generosidade. E “como você diz

muito palavrão”, acrescenta Boff, Deus Mãe lhe falará: “Darcy Ribeiro, filho da puta, tinha saudade de você, porque você demorou tanto para chegar”. E será abraçado e beijado e levado por toda a eternidade de festa em festa, para ser apresentado a todos.

Há uma narrativa produzida por Paulo Freire que também vale a pena retomar. Ele escreve uma carta após assistir a uma entrevista de Darcy Ribeiro. Na carta ele suscita uma questão teológica *post-mortem*. Darcy Ribeiro, que não acreditava no céu, estará espantado, enquanto Paulo Freire dirá que não se acha surpreso. Em suas palavras:

Quando no céu me encontrar com o Darcy, ele vai me contar o susto danado que levou! E, com humildade, coisa rara nele aqui na Terra, admitirá para mim: Você, Paulinho? Meu Deus!!! Veja: Deus existe; céu existe; estamos nele, Paulinho! Amamos e trabalhamos tanto à imagem e semelhança dEle... existe vida eterna! Louvado seja Deus! Não virei pó, poluindo o cosmos! Estou aqui, com você, no Deus de minha mãe, de sua mãe, de todos nós! (Freire, 1998: 122-123).

Como não possuía dúvidas sobre o céu (“Não tomarei susto algum porque acredito na vida eterna!”), Paulo Freire diz que encontrará Darcy Ribeiro, assim como “as mulheres e homens que já se foram e que aqui conheci e amei. Rirei, riremos novamente juntos, pensaremos juntos sobre o Brasil, sobre vocês que ainda estiverem por aqui” (Freire, 1998: 123). Para se compreender a fundamentação católica da proposta pedagógica freireana, há uma importante pesquisa empreendida por Eduardo Dullo (2014).

Sem entrar na questão teológica enunciada por Boff e Freire, de fato, como diz o teólogo, Darcy Ribeiro falava “muito palavrão”. Se o xingamento é uma ofensa em geral, ele não é sempre expresso com essa finalidade, tal como demonstrado por Boff sobre a recepção de Darcy Ribeiro pela Deusa Mãe. Desse modo, termos que seriam ofensivos em um contexto podem ganhar conotação afetiva em outras situações específicas.

No caso de Darcy Ribeiro, os termos baixos que ele utiliza são geralmente uma forma de denúncia apaixonada. Assim, uma defesa entranhada de valores e ideias perpassava todos os seus fazimentos. Ele estabelecia uma relação profunda com suas propostas de melhoria do país e do mundo. Tudo o que ele se propunha desenvolver, o fazia com engajamento visceral. Essa acentuada dedicação revela a fascinante intensidade de seus empreendimentos. Por onde ele passou, suas digitais ficaram impregnadas, sempre indicando uma pujante presença. Darcy Ribeiro nunca passava despercebido ou fugia de uma oportunidade para expor e defender suas utopias. Desse modo, proferiu discursos e palestras, ministrou aulas e treinamentos, participou de debates e entrevistas e redigiu livros e documentos. E associado a todas essas feitura, ainda teve a habilidade de maldizer criticamente alguns tipos sociais. Em sua própria formulação: “Eis o que peço a cada jovem brasileiro: repense estas ideias, reavalie estes sentimentos e assumo, afinal, uma posição clara e agressiva no quadro político brasileiro” (RIBEIRO, 1995a: 268). Essa posição clara e agressiva, extremamente necessária, se revela nos xingamentos e enfrentamentos de um Darcy Ribeiro indignado e intolerante. E é sobre esse aspecto de suas lutas que vamos destacar.

Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado, pelas causas que me comovem. Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isto não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas (Ribeiro, 1995a: 263).

Essa famosa citação de Darcy Ribeiro reforça justamente que ele considerava seu trabalho como um enfrentamento: são lutas e batalhas. E ele combatia pelas causas que comoviam e contra uma gente que ele não suportava. Eram opositores das questões indígenas, educacionais, agrárias e sociais que causavam repulsa e em relação aos quais ele jamais aceitaria compartilhar de suas vitórias. Eram, de fato, insuportáveis. Ou seja, intoleráveis.

A intolerância necessária

Suportar é um termo etimologicamente significativo que acompanha o desenvolvimento da ideia de tolerância. Seguindo a raiz protoindo-europeia do termo é possível perceber derivações que atravessaram o sânscrito (*tulá*, “balança, peso”), o grego (*tláo*, “sofrer, suportar”) e o latim (*tollō*, *-ēre*, “suportar, apoiar, sofrer”). Um percurso na etimologia permite elucidar as transformações da palavra e seu sentido até o moderno termo tolerância (Marques, 2021). Há um verbo grego que também compõe o léxico da tolerância, *anéchō*, cujo sentido varia entre “erguer” (os braços como um pugilista), “levantar” (das águas após uma imersão), “suportar” (sofrimentos e discursos) e “aguentar” (determinado tipo de relação com o outro). Tendo em vista um rastro histórico do termo tolerância, esse verbo grego ajuda a compor o vocabulário que formará a moderna ideia de tolerância como a capacidade de suportar os diferentes e a diferença (Marques, 2020a). Para simplificar o percurso, tolerar carrega as marcas semânticas de suportar algo ou alguém.

Sabe-se que o paradoxo da tolerância, tal como formulado por Karl Popper, coloca o desafio de se avaliar os limites da própria tolerância. Para sintetizar o dilema, não poderia haver tolerância sem restrições, pois isso levaria à própria supressão da tolerância. Assim, se ela for estendida de forma irrestrita aos intolerantes, os próprios tolerantes e a tolerância estariam sob ameaça de destruição. Uma vez que o intolerante não tolera a tolerância, deve então haver o direito de não suportar o intolerante (Popper, 1974 [1945]: 289). Com isso, não deve haver uma tolerância ilimitada, incondicional, integral. A dimensão intolerante da tolerância é necessária para preservar a própria tolerância.

Essa face intolerante da tolerância foi descrita por Aristóteles. A tolerância (*prótēs*) seria a mediedade no que se refere aos acessos de cólera. Enquanto termo médio, tolerância seria a virtude, de quem se encoleriza com as coisas e as pessoas com que se deve encolerizar-se. Mas, para ser virtude, precisa incluir o como, quando e durante quanto tempo se deve encolerizar-se. Com isso, tolerância não é ficar imperturbado ou levado pela emoção, mas ficar rancoroso com as coisas com as quais se deve e durante o tempo que a razão ordena. É estultícia não se encolerizar com as coisas com as quais se deve. Enquanto

o excesso é se encolerizar com “as pessoas com as quais não se deve, com as coisas com as quais não se deve, mais do que se deve, mais prestemente e por mais tempo” (Aristóteles, 2020: 1126). Esses são iracundos vingativos cuja cólera cessa apenas quando revidam o rancor.

E a forma escolhida por Darcy Ribeiro para denunciar os intolerantes e expressar sua tolerância encolerizada foi o ultraje. Esse intelectual desbocado valeu-se da ofensa como dispositivo de enfrentamento daqueles que não podem ser tratados de forma amistosa, pois são gente de maldade e ignorância que precisa ser desvelada de forma crítica e ácida. Sendo a tolerância a capacidade de suportar as diferentes opiniões e formas de vida, Darcy Ribeiro irá mostrar que há comportamentos e concepções inaceitáveis, pois colocam em risco a própria democracia e o destino do povo brasileiro. Para não sermos engolidos pelos intolerantes é preciso enfrenta-los destemidamente.

Uma forma de combate aos intolerantes contrapõe suas ideias com argumentos racionais e até mesmo com a opinião pública, mostrando as razões e vantagens da tolerância. Uma vez que os intolerantes permaneçam tal como são, e continuem propagando suas danosas concepções, que geralmente culminam em desordem social e opressão às minorias, passa a ser dever dos tolerantes reclamar, em nome da tolerância, o direito de não suportar esses intolerantes. Assim, de um lado, os atos de intolerância devem ficar à margem da lei, sendo considerados criminosos, e, de outra parte, podem receber diante da opinião pública uma classificação denunciatória e vexatória. E é isso que o xingamento de Darcy Ribeiro produz. Para entendermos melhor essa questão, precisaremos ver quem são esses intolerantes-intoleráveis que ele não conseguiu suportar.

Canalhas e idiotas

Darcy Ribeiro sempre deixava claro que não suportava algumas coisas e fazia questão de que aquilo que lhe era intolerável fosse claramente publicizado por meio de xingamentos. Em suas palavras: “É por isso que não me canso de praguejar e xingar, exaltado, dizendo e repetindo obviedades. Sobretudo, quando falo à gente jovem, em pregações sobre valores que considero fundamentais e que não ressoam neles como eu quisera” (Ribeiro, 1995a: 264). E são dois os principais insultos usados por ele para manifestar indignação: canalha e idiota. Cada um sendo dirigido a um grupo específico e evidenciando uma série de qualidades que os designam negativamente, pois canalhas e idiotas produzem afetos tristes, para usar um conceito spinozano (particularmente a terceira parte da *Ética*, cf. Spinoza, 2009 [1675]: 95). Esses afetos tristes são produzidos em cadeia e espalhados pela sociedade com a finalidade de reduzir a força de viver. A tristeza escraviza e são os bons encontros que tornam possível vivenciar a alegria, pois aumentam a potência de sentir, pensar e existir. Um afeto de tristeza nos leva para uma condição menor de potência, ou seja, diminui nosso *conatus*, nossa força para existir e agir, afetar e ser afetado. Assim, passamos para uma perfeição menor. Darcy Ribeiro tinha fascínio pela vontade de beleza, o que aumentava e potencializava a vida. E essa percepção decorreu de anos vivendo com sociedades indígenas cujas marcas foram profundas e permanentes.

Estive enquanto representante estudantil e fiz essa incursão para compreender o funcionamento das bancas de aferição, entender como os estudantes estavam se sentindo e acompanhar todo o processo. Por questões normativas, a minha participação foi limitada

até a entrada dos estudantes na sala da banca, por conta disso, os dados sobre o momento que está apresentado no subtópico Frente a frente com a banca aferidora deste é fruto das entrevistas com participantes das bancas e estudantes que passaram pela experiência.

Não havendo para os índios fronteiras entre uma categoria de coisas tidas como artísticas e outras, vistas como vulgares, eles ficam livres para criar o belo. Lá uma pessoa, ao pintar seu corpo, ao modelar um vaso, ou ao trançar um cesto, põe no seu trabalho o máximo de vontade de perfeição e um sentido de beleza só comparável com o de nossos artistas quando criam [...] Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza. Incidentalmente, suas belas flechas, sua preciosa cerâmica têm um valor de utilidade. Mas sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão de sua cultura, é criar beleza (Ribeiro, 1997: 160).

Para se opor àquilo que tira a beleza, Darcy Ribeiro utilizou-se recorrentemente dos dois termos ultrajantes e críticos. Enquanto a canalha é um termo moral e se refere aos sujeitos maus-caracteres, vis e desprezíveis, o termo idiota é usado para englobar sujeitos que não percebem a realidade que os cerca e que são, portanto, ignorantes. Entre um conceito moral e outro intelectual, Darcy Ribeiro constrói contrastes que ajudam a situar seus oponentes e evidenciar seu próprio lugar.

Numa entrevista televisionada em 1995, ele contrapõe o intelectual indignado com a situação do seu povo e a canalha, que “gosta mesmo é do poder, que gosta mesmo das multinacionais”. Canalha é o coletivo de pessoas desprezíveis, desmoralizadas, detestáveis e desonrosas. Estão “na vida rica” e “não tem nada com esse país”. E ele aproveita para defender que ao contrário da presença exacerbada de idiotas, falta uma “intelectualidade fiel ao Brasil”, uma fidelidade “ao seu povo e ao seu tempo”, que esteja “preocupada com o destino do seu povo” (Ribeiro, 1995b: 27’22).

Como canalha é gente sem escrúpulo, Darcy Ribeiro rememora a sua saída do Serviço de Proteção aos Índios. Segundo ele, Eduardo Galvão também teria saído pelo mesmo motivo: “enojado com o que se implantava ali”. E ele avança: “Cheguei a trocar tapas com um canalha que fora nomeado inspetor dos postos indígenas do Sul e que assinava os contratos mais lesivos de exploração de madeira e plantações de trigo” (Ribeiro, 2010: 34-35). Essa gente mal-intencionada tem um único interesse, conseguir dinheiro e sucesso às custas do povo e dos desfavorecidos. É assim que, num debate com Rubem Alves sobre utopia, Darcy Ribeiro faz questão de destacar que sempre houve um projeto de usar o povo brasileiro, historicamente gastaram o povo brasileiro com escravidão tanto de populações indígenas quanto africanas. E agora temos uma “canalhinha”, uma “canalha neoliberal” que fica dizendo: “o importante é o mercado, é o mercado mundial que nos organiza, é ele que nos dará crescimento” (Utopia, 1995: 11’).

Quando profere um discurso aos jovens, ele os convoca para um enfrentamento necessário: “Aquilo de que o Brasil mais necessita, hoje, é de uma juventude iracunda, que se encha de indignação contra tanta dor e tanta miséria”. E essa juventude não pode se

abdicar “de sua missão política de cidadãos responsáveis pelo destino do Brasil, porque sua ausência é imediatamente ocupada pela canalha” (Ribeiro, 1995a: 264). Por isso mesmo, “o atraso, a fome e a pobreza só existem e persistem, entre nós, porque são lucrativos para uma elite infecunda e cobiçosa de patrões medíocres e de políticos corruptos” (Ribeiro, 1995a: 264). Essa canalha vive de vantagens às custas do povo sofredor.

Darcy Ribeiro militou para que os jovens não se tornassem idiotas, pois era isso que a canalha esperava. Os idiotas são estúpidos e desconhecedores da realidade brasileira. Por isso mesmo, buscam no lugar errado as causas e as soluções para os problemas que o país enfrenta. Em suas palavras: “Existe até quem queira atribuir nosso atraso a uma suposta juvenildade do povo brasileiro, que ainda estaria na minoridade. Esses idiotas ignoram que somos cento e tantos anos mais velhos que os Estados Unidos” (Ribeiro, 1995a: 45). Outro exemplo de idiotice se relaciona com algum orgulho de sua origem estrangeira: “É de lamentar, porém, que vez por outra surja, entre eles, uns idiotinhas alegando orgulhos de estrangeiridade”. Como se isso fosse um valor de fato. E usam tal argumento seja para “quebrar a unidade nacional em razão de eventuais vantagens regionais”, seja para “retornarem eles mesmos para outras terras, como fizeram seus avós” (Ribeiro, 1995a: 266). E há ainda aqueles desinformados ou estúpidos que procuram explicações no perfil religioso da colonização: “Alguns idiotas acham que o atraso se deve, talvez, a sermos católicos e não protestantes. A França e Itália estão muito-bem-obrigado, apesar de não serem protestantes” (Ribeiro, 1995a: 280).

E segundo Darcy Ribeiro, ele próprio poderia ter se tornado um idiota, se houvesse centrado sua vida exclusivamente no ambiente acadêmico. A respeito de sua formação superior, Darcy Ribeiro se vangloriava por ter sido formado num ambiente de qualidade intelectual internacional. A Escola Livre de Sociologia e Política era um local privilegiado, e associada à recém fundada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, formavam uma incrível confluência de intelectuais, dentre os quais: Claude Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown, Donald Pierson, Roger Bastide e outros. Foram “tantos sábios norte-americanos, alemães, franceses, italianos [que] criaram um ambiente muito especial na cidade e na universidade” (Ribeiro, 1997: 126). Ele tinha tudo para seguir na carreira acadêmica, como profissional das Ciências Sociais, mas alguns acontecimentos pesaram para que ele fosse trabalhar por dez anos com populações indígenas logo após a conclusão de seu curso em 1944. O seu envolvimento com as pautas comunistas também se tornou uma marca fundamental de toda a sua trajetória. “Esta soma de ativismo político, com a herança brasilianista e o interesse pela literatura impediram que eu me convertesse num acadêmico completo, perfeitamente idiota” (Ribeiro, 1990: 36). Ou seja, alguém que explica o Brasil fundamentalmente com teorias, conceitos, referências e critérios estrangeiros.

Numa crítica direta ao Ministro Maurício Rangel Reis durante o governo Geisel, nos idos de 1978, denunciado como “inimigo público dos índios do Brasil”, Darcy Ribeiro protesta contra uma “espécie de complexo de inferioridade daqueles idiotas que se envergonham muito de serem nativos de um país tropical que tem cobras, feras e índios. São os mesmos que não gostam dos negros, nem dos mulatos” (Ribeiro, 2013a: 119). Esses idiotas se vexam com a história do seu povo, justamente por desconhecerem-na.

E os dois xingamentos de Darcy Ribeiro são relativos a um termo convencional que aparece em sua obra: “classe dominante”. Para simplificar, enquanto a canalha é análoga a “classe dominante”, idiota é a expressão de sua face cognitiva. As definições se correspondem. A classe dominante quer salientar (e simular) sua branquitude e europeidade fazendo com que todos acreditem que isso é o que temos de melhor. E mais, sempre esteve a serviço de interesses exógenos.

o Brasil nasce e cresce como um proletariado externo das sociedades europeias, destinado a contribuir para o preenchimento das condições de sobrevivência, de conforto e de riqueza destas. A classe dominante brasileira, em consequência, é chamada a exercer, desde o início, o papel de uma camada gerencial de interesses estrangeiros, mais atenta para as exigências destes do que para as condições de existência da população nacional (RIBEIRO, 2013b: 66).

Uma teoria do xingamento

O pudor social projetado no uso dos palavrões enquanto palavras malditas, faz remontar ao modo como Edmund Leach (1983 [1964]) demonstrou como a compreensão dos tabus linguísticos passa pela valorização do não dito e do interdito. Os xingamentos compõem o quadro das palavras que são tabus, que devem ser evitadas ou não ditas. Assim, diz ele: “Evidentemente, todas essas regras, preconceitos e convenções são de origem social e, no entanto, os tabus sociais têm suas contrapartes linguísticas” (Leach, 1983 [1964]: 177). E canalha, como veremos, tem uma raiz que coloca o termo etimologicamente na lista de insultos animais.

Para usar a terminologia deleuziana, é como se os insultos usados por Darcy Ribeiro fizessem a língua gaguejar por meio do uso daqueles termos-tabu: canalha e idiota. Nesse caso, a língua gagueja provocando embaraço à etiqueta da linguagem formal. É um modo de perfurar, tropeçar, regurgitar e produzir linhas de fuga na língua. Numa concepção poética da língua, o xingamento a faz tremer e bifurcar, de modo que a língua é dobrada e ramificada. Assim, o xingamento como “a língua estrangeira na língua”, como uma dobra da língua sobre si mesma, estabelece um uso *menor* na própria língua (Deleuze, 2011 [1993]: 141).

Darcy Ribeiro, o intelectual subversivo e rebelde, muitas vezes arremido aos protocolos, tornou o insulto uma arma conceitual de explicitação do intolerável. Ele soube fazer do insulto uma arte, nos termos propostos por Arthur Schopenhauer (2003 [1860]). A potência de suas ofensas do escárnio, que produz riso e indignação, zombaria e crítica, foi utilizada estrategicamente pelo polemista. Ele produz uma certa ridicularização ao aviltar sujeitos moralmente reprováveis e intelectualmente frágeis. Ele os achincalha como uma forma de evidenciar o que está mascarado: sujeitos que parecem estar interessados na nação, mas só pensam em si mesmos; e sujeitos que aparentam sapiência, mas são absolutamente estultos.

Essa postura estratégica do xingamento levanta um problema análogo à noção “carenta” presente na música *Reconvexo*, de Caetano Veloso. Durante os primeiros anos da década de 1980 ocorreu um embate entre Veloso e Paulo Francis, o músico e o jornalista.

Francis teria desmoralizado o artista que havia feito uma entrevista com Mick Jagger, do Rolling Stones. Segundo o jornalista, teria havido uma subserviência de Veloso diante Jagger. Esse jornalista era conhecido pelo alto nível de seus sarcasmos, críticas e polêmicas repletas de contestação e inclemência com o Brasil e os brasileiros. O embate ganhou contornos depreciativos. Houve trocas de farpas entre o intelectual e o cantor que perderam os estribilhos e o insulto funcionou como desqualificação caricatural e moral do outro.

A música *Reconvexo* foi a mais certa arma do compositor, a mais elaborada resposta ao jornalista carioca. Veloso se vale do termo *careta* como uma acusação que desqualifica o outro em termos de sensibilidade. Essa noção não é apenas um ataque, é uma construção muito bem arquitetada e potencializada pelo conjunto de analogias que a música apresenta. *Careta* é uma noção provocativa e, se pode ser vista como politicamente incorreta, espontânea, afetada, pode também ser entendida como estratégia numa disputa pela legitimidade do discurso, onde o outro é o inimigo, o oponente, e é preciso se valer de dispositivos que o constroem e o ridicularizam. *Careta* é uma ofensa retórica que pretende capturar a subjetividade do outro. E o músico ficará durante toda a canção estabelecendo distinções entre ele e o “*careta*”, marcando diferenças fundamentais entre ambos. Com a noção de *careta* Caetano Veloso situa a intolerância de Francis e aponta os fundamentos que tornam impossível que ele veja as coisas de outro modo. As razões da intolerância de Francis são apontadas minuciosamente na música (cf. Marques, 2020b), onde se pode perceber uma correlação *careta-idiota* como aqueles que desconhecem o próprio país em sua formação e profundidade.

O xingamento é visto geralmente como o uso de palavras pejorativas que denotam desaforo pessoal. Os palavrões são chocantes e funcionais porque carregam uma potência emocional e dramática concentrada. Os xingamentos e palavrões costumam ser ditos em momentos intempestivos, na hora de um descontrole emocional, quando o chamado sistema límbico traduz essas intensas emoções descompassadas. Todavia, xingar é também uma apropriação da linguagem com potencialidade poética e expressiva muito evidente. A sintaxe e as figuras de linguagem mobilizadas nos xingamentos são elaborações que carregam uma força que impacta aquele que recebe a mensagem.

No caso de Darcy Ribeiro, os termos ofensivos foram escolhidos com uma precisão estratégica. A palavra “*canalha*” usada para se referir a “grupo de gente desprezível, infame” deriva do italiano *canaglia* (remete a uma pessoa ou um coletivo de pessoas imorais e desprezíveis, refere-se à ralé, populacho e escória social) e remonta ao latim *canalis* (plural de *canis*, “cão”; cf. Vaan, 2008: 87; Sihler, 1995: 98). O sufixo italiano *-aglia* (plural neutro) tem a mesma origem e significados que o português *-alha*. Se inicialmente o termo designava os pobres e abandonados das cidades antigas, pois eram como cães de rua, atualmente significa “*sacana*”, “*pilantra*” e “*mau-caráter*”. De outra parte, o vocábulo *idiota* também tem uma história interessante.

Na Grécia antiga, o termo *idiōtēs*, que procede de *ídios*, “privado”, “em separado”, “próprio”, “particular” (Boisacq, 1916: 366), possuía, entre seus usos, a referência àquele sujeito cuja característica própria seria a ignorância ou a falta de instrução (Bailly, 1895: 958). Em Roma, por sua vez, o termo *idiōta* era usado para qualificar aqueles que não tinham interesse no debate das questões públicas (Lewis; Short, 1879: 377). O significado

atual guardou muito de sua origem ao designar um indivíduo ou uma coletividade de ignorantes.

Valendo-se de uma abordagem deleuziana, é possível dizer que o palavrão faz a língua gaguejar (Deleuze, 2011 [1993]). O xingamento é uma forma de se libertar da língua que aprisiona, é uma espécie de desterritorialização selvagem, pois o insulto é o múltiplo. Ele está do lado do informal, do inacabado e da deformação que abre e liberta, e se opõe àquilo que esmaga a vida e inibe as linhas de fuga. Xingar é produzir um agenciamento, uma variação contínua que permite fazer uma língua na língua, ou seja, a subverter e a tornar estrangeira a si mesma. O xingamento lida com um vocabulário bruto e produz uma dobra na língua por meio de uma retórica não-convencional.

Assim, o xingamento do pensador polemista não aparece com uma forma de se esquivar de bons argumentos. É uma irreverência que tem um alcance maior do que a linguagem da razão. Não é um recurso desrespeitoso ou constrangedor dirigido a um sujeito em especial, pelo contrário, funciona como potência elucidativa e provocativa dirigida a uma coletividade genérica, onde indivíduos podem se reconhecer.

Considerações finais

O texto foi uma tentativa de evidenciar que as mais diversas atuações de Darcy Ribeiro foram marcadas por um comprometimento radical. Ele se empenhou seriamente com cada uma das lutas empreendidas, pois era um sujeito irrequieto e insubordinado. Por isso mesmo, os xingamentos de Darcy Ribeiro não foram proferidos para escamotear ou disfarçar algo, mas ditos com a clara pretensão de evidenciar. Ele consegue, numa mesma frase, valer-se ao mesmo tempo de uma linguagem sofisticada e de expressões populares, operando uma conspurcação do intolerante ao invés de se fiar a um moralismo rasteiro.

Esses insultos, que fazem a língua gaguejar, por serem informais e deselegante, são um modo de produzir linhas de fuga na própria língua. Os ultrajes de Darcy Ribeiro provocam embaraço na esperada etiqueta da postura de um orador ou autor que chegaria à Academia Brasileira de Letras, por exemplo. Esse uso *menor* da língua é um operador estratégico nas críticas de Darcy Ribeiro à classe dominante.

Assim, a canalha, ou ainda, essa classe dominante possui a tarefa de imitar o estrangeiro rejeitando o nacional, e isso resvala na produção da alienação popular. Os alienados são infelizes, pois acreditam na “subalternidade da terra tropical” e na sua própria inferioridade e inautenticidade como povo. A alienação foi justamente o instrumento de manutenção da classe dominante. As concepções idiotas da classe dominante partem do “transplante de ideias e valores alheios, que apenas se impregnam, contra sua vontade, de conteúdos locais” (Ribeiro, 2013b: 68). Para o polemista, a ideologia plasmada pela classe dominante é exógena, portanto, idiota, ou seja, transplantada. Por isso a crítica dele aos intelectuais que “pensam com cabeça de europeu” e acabam não percebendo a realidade brasileira em sua capacidade, riqueza e inventividade. Assim, a criatividade intelectual da classe dominante é manchada por essa idiotice que, no limite, lhe é inerente.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. 2020. *Ethica Nicomachea: III 9 – IV 15 (as virtudes morais)*. Tradução, estudo e comentário de Marco Zingano. São Paulo: Odysseus.
- BAILLY, Anatole. 1895. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette.

- BOFF, Leonardo. 2022. *Entrevista ao Provoca*. Entrevistador: Marcelo Tas. Produção da TV Cultura. Brasil, 56'12. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jr4se-bW9II&t=1136s>. Acesso em 30 mar. 2023.
- BOISACQ, Émile. 1916. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque, étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- DELEUZE, Gilles. 2011 [1993]. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- DULLO, Eduardo. 2014. Paulo Freire, o testemunho e a pedagogia católica: a ação histórica contra o fatalismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29 (85), p. 49-61. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200004>
- FREIRE, Ana Maria Araújo. 1998. *Nita e Paulo: crônicas de amor*. São Paulo: Olho d'Água.
- LEACH, Edmund. 1983 [1964]. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: LEACH, Edmund. *Antropologia* (Grandes Cientistas Sociais). Tradução de Alba Zaluar Guimarães. São Paulo: Ática, p. 170-198.
- LEWIS, Charlton T; SHORT, Charles. 1879. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- LIMA, Fernando Barbosa (dir.). 2007. *Darcy Ribeiro: o guerreiro sonhador* (Série Grandes Brasileiros). Produção de Eletrobrás, Petrobrás e Ancine. Brasil, 58'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmNLTIQNoaM>. Acesso em 29 mar. 2023.
- MARQUES, Delcides. 2020a. Para o léxico da tolerância: contribuição de um verbo grego antigo. *R@U - Revista de @ntropologia da UFSCar*, 12 (1), jan./jun., p. 235-255. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/09/10.pdf>. Acesso em 13 abr. 2023.
- MARQUES, Delcides. 2020b. Tolerância e crítica em *Reconvexo* de Caetano Veloso. In: CHAVES, Alexandre da Silva; MOURA, Rogério Lima de (org.). *Religião, Arte e Cultura: olhares interdisciplinares*. São Paulo: Editora Recriar, p. 139-155.
- MARQUES, Delcides. 2021. O peso do Ocidente: uma etimologia da tolerância. *Religião & Sociedade*, 41(1), p. 199-217. DOI <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n1cap08>
- MATTOS, André Luís Lopes Borges. 2007. *Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: IFCH/Unicamp.
- POPPER, Karl. 1974 [1945]. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP.
- RECH, Pedro Elói. 2013. Darcy Ribeiro recebe a 'Extrema Unção' de Leonardo Boff. Disponível em: <http://www.blogdopedroeloi.com.br/2013/04/darcy-Ribeiro-recebe-extrema-uncao-d-e.html>. Acesso em 27 mar. 2023.
- REIS, Pollyanna Júnia Fernandes Maia. 2012. *Paulo Freire: análise de uma história de vida*. Dissertação (Mestrado em Letras). São João Del Rey: UFSJ.
- RIBEIRO, Darcy. 1995a. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- RIBEIRO, Darcy. 1995b. *Entrevista ao Programa Roda Viva*. Produção da TV Cultura (Fundação Padre Anchieta). Brasil, 91'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AAFzOemlAbg&t=2914s>. Acesso em 04 abr. 2023.
- RIBEIRO, Darcy. 1997. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Darcy. 2010. *Falando dos índios*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília: Editora UnB.

- RIBEIRO, Darcy. 2013a. *Ensaio insólitos*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro.
- RIBEIRO, Darcy. 2013b. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro.
- SCHOPENHAUER, Arthur. 2003 [1860]. *A arte de insultar*. Tradução de Eduardo Brandão e Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes.
- SIHLER, Andrew. 1995. *New comparative grammar of greek and latin*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- SPINOZA, Benedictus de. 2009 [1675]. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.
- UTOPIA (Diálogos Impertinentes). 1995. *Debate entre Rubem Alves e Darcy Ribeiro*. Mediação: Mário Sergio Cortella. Produção da TV-PUC SP. Brasil, 141'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPnzpO3AkB4>. Acesso em 30 mar. 2023.
- VAAN, Michiel de. 2008. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages* (Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series: vol. 7). Edited by Alexander Lubotsky. Leiden/ Boston: Brill.
- VELOSO, Caetano. 2003. *Sobre as letras*. São Paulo: Companhia das Letras.

Darcy Ribeiro, the scoundrel and the idiots, or: How not to tolerate the intolerable

resumen El propósito general del texto es producir una reflexión sobre el potencial crítico de ciertos insultos utilizados por Darcy Ribeiro para combatir posturas y concepciones intolerables. Dado que los intolerantes no deben ser tolerados incondicionalmente, ya que son un peligro, es necesario problematizar y resaltar a aquellos que están vinculados a tales comportamientos y pensamientos dañinos. En el vocabulario de Darcy Ribeiro destacan dos insultos: canalha e idiota. Si en el primer caso hay una crítica moral, con el segundo término hay una objeción intelectual. Con eso, la maldición puede ser un instrumento de combate y confrontación y los dos ultrajes utilizados por Darcy Ribeiro funcionan como pliegues políticos, creativos y balbuceantes del lenguaje.

palabras clave Darcy Ribeiro; maldiciendo; Intolerable; Sinvergüenza; idiota.

sobre o autor

Delcides Marques

Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 05/05/2023.

Aprovado para publicação em 09/05/2023.